

Uma busca no deserto

História narrada por Mehul Joshi

Esta história sobre um corvo esperto foi extraída de uma Fábula de Esopo. Os corvos têm um significado especial durante a observância de Pitru Paksha, um período dedicado a honrar os ancestrais. Como parte dessa tradição, que se originou nos tempos védicos, as pessoas realizam rituais e práticas espirituais dedicadas a seus entes queridos que já partiram. Um desses rituais é fazer uma oferenda de comida, em nome dos ancestrais, para animais — especificamente cães, vacas e corvos. É dito que o alimento oferecido é, por fim, recebido pelos próprios antepassados, nutrindo-os e trazendo-lhes contentamento.

Wahn, um corvo, voou bem alto acima da extensão vermelha e chamuscada do deserto central da Austrália. Enquanto voava, deu uma inclinada nas asas e, lá estava! A corrente de ar quente que lhe permitiria subir... e subir... e planar sem esforço através da vastidão azul do céu. Era um truque que havia aprendido com sua mãe — uma forma de planar com os ventos, um truque que tinha sido passado por gerações de corvos em sua família.

Wahn examinou a terra abaixo dele. Os campos brilhantes de flores silvestres, que por um breve tempo depois da última chuva haviam coberto a terra queimada pelo sol, há tempos haviam sumido. Tudo o que restara foram dunas cor de ferrugem, moldadas pelo vento forte em longas fileiras paralelas.

Contra o céu azul profundo, a plumagem brilhante e escura como breu de Wahn parecia reluzir sob o sol implacável, como se as penas tivessem sido mergulhadas em água. Mas como poderiam ter sido? Nesta seca, mais intensa do que qualquer outra de que Wahn se recordava, não havia caído

uma única gota de chuva sequer em mais de cem dias. A secura na garganta do corvo era um lembrete constante de seu provável destino.

Fazia vários dias que Wahn vinha fazendo uma busca aérea por água, sem sucesso.

Não importava! Wahn era um corvo. Não iria desistir. Com os olhos cansados, examinou o solo do deserto lá embaixo, mais uma vez.

De repente ele avistou alguma coisa. O calor emanava da terra em ondas cintilantes, distorcendo as formas. Será que havia apenas imaginando algo?

Não! Ali estava, ficando cada vez mais visível conforme ele descia — as ruínas de uma cabana, seu telhado de palha, e junto dela uma sombra. Sombra preciosa! A sombra era conhecida por animais, aborígenes e colonos como o grande alívio para o calor escaldante do deserto. Wahn podia ouvir a canção ritmada de sua mãe surgindo dentro dele: “A sombra é preciosa. A sombra é vida.” Ele recolheu as asas e, como uma flecha, voou rapidamente em direção à cabana.

Ao pousar sobre um parapeito na sombra fresca, Wahn viu que havia algo sobre ele — um recipiente. No mesmo instante, sua mente esperta disparou. Wahn cutucou o recipiente, investigando, e, vindo de dentro, ouviu um som oscilante inconfundível. Água! Um jarro de água foi deixado sobre um parapeito nessa cabana abandonada.

Com certeza aquilo era um milagre. “*Whaaaaa.*” Em deleite, Wahn entoou o canto estridente de corvo que soava como seu nome: “*Whaaaaa.*”

Wahn abriu as asas conforme se empoleirava para mais perto do jarro. O recipiente tinha um bojo largo e se estreitava bastante num longo gargalo, fechado em cima por uma rolha de cortiça.

Wahn imediatamente começou a trabalhar. Segurou o gargalo do recipiente com suas garras, agarrou a rolha com o bico e, batendo as asas freneticamente, puxou com toda sua força. Mas a rolha não se moveu.

Deu um passo atrás e olhou para o jarro. Uma vez mais, praticamente podia ouvir sua mãe sussurrando em seu ouvido: “A estratégia vence a força bruta.” Inclinou a cabeça para o lado, refletindo: qual seria sua estratégia? Então ajustou o bico de forma que, em vez de puxar, conseguisse girar, rodar e alavancar a rolha para fora.

Foi tiro e queda! Com um agradável “pop”, a rolha pulou para fora.

Wahn tentou alcançar a preciosa água no fundo do jarro, mas por mais que se esforçasse, não conseguia passar a cabeça pelo gargalo estreito para chegar no líquido tentador lá embaixo.

O que poderia fazer?

Tentou levantar o recipiente. Pesado demais.

Tentou usar um graveto como colher. Trabalhoso demais.

Tentou quebrar o gargalo com uma pedra. Resistente demais.

Wahn ponderou. Sua mente, em geral um terreno fértil, parecia árida e vazia de ideias, como as touceiras de gramíneas secas rolando à deriva no deserto poeirento à sua frente.

Então se voltou para os recônditos da memória.

Foi aí que lhe veio, não a resposta, mas a pergunta: O que sua mãe faria naquela situação?

A mãe de Wahn fora uma ave culta. Ela via todos os desafios como uma oportunidade para olhar o mundo sob uma nova perspectiva.

Certa vez, quando o seu bando, faminto, não conseguiu entrar em um celeiro trancado, a mãe de Wahn mostrou a todos que era possível passar pelas hélices de um exaustor, pois elas se moviam lentamente, e depois mergulhar pela chaminé até chegar aos cereais e voltar pelo mesmo caminho, ilesos! Ficaram todos eufóricos.

Decidido, Wahn levantou voo e começou a circular acima da cabana, observando, procurando por uma possível solução.

Wahn percebeu que nas redondezas, espalhadas pelo chão, havia pequeninas rochas cinza-escuro; eram sideritas remanescentes das minas de opala da região. As pedrinhas escuras destacavam-se em meio à areia vermelha opaca, brilhando como inúmeros olhos negros voltados para ele, fazendo-o lembrar que seu bando estava por perto.

Então se lembrou das palavras de sua mãe para todos eles. “Trabalhem juntos”, ela costumava dizer, “e vocês conseguirão realizar tudo que precisarem fazer!”

“Claro!” pensou Wahn.

Soltando um guinchado estridente para chamar à ação, Wahn convocou os outros integrantes do bando.

Em poucos segundos, um monte de sombras aladas baixou dos céus. Um alvoroço de penas acercou-se de Wahn conforme os pássaros recolhiam as asas. “Whaaaa Whaaaa”, clamavam em uníssono o seu nome. Então, fez-se silêncio e todos olharam para ele, com grande expectativa.

Wahn foi até o chão, pegou uma pedrinha com o bico e a soltou dentro do jarro. Depois outra. E outra. Obedientes, os outros corvos o imitaram, numa dança aérea invisivelmente coreografada.

Devagar e sempre, pedrinha por pedrinha, o nível da água foi gradualmente subindo até a borda do jarro.

E quando isso aconteceu, um a um, cada corvo inclinou sua cabeça para dentro da boca do jarro e saciou sua sede.



© 2022 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.